



Ensino tecnológico: narrativa (auto)biográfica de um professor de inglês sobre o retorno das aulas presenciais.

Rodrigo Avella Ramirez¹, Helen Regiane Martinez², Thiago da Silva Vieira³,
Luís Fernando Muller da Silva⁴

Resumo:

Este artigo utiliza a metodologia narrativa (auto) biográfica para analisar como um professor de inglês da FATEC caracteriza sua prática docente no período de retorno ao ensino presencial, pós ensino remoto durante a pandemia de Covid 19. O que esse professor aprendeu, quais são seus atuais desafios e o que mudou em sua prática pedagógica ter vivido a experiência do ensino remoto online. Por meio de sua narrativa poderemos compreender, à luz dos conceitos de Pineau, Passeggi, Nóvoa, Flick, Schultze, Larrosa, Souza, Hodges como a voz deste professor e sua experiência singular se traduzem em características universais para que outros docentes possam se identificar com a narrativa aqui apresentada e ressignificar sua prática docente.

Palavras-chave: Narrativas (auto) biográficas; Ensino Remoto; Práticas docentes.

Abstract: This paper aims to use the (auto)biographical narrative methodology to analyze how an English teacher at FATEC characterizes his teaching practice in the period of returning to face-to-face teaching, after emergency remote teaching (ERT) during the Covid 19 pandemic. What has this professor learned, what are his current challenges and what has changed in his pedagogical practice having lived the experience of remote online teaching. Through his narrative we will be able to understand, in the light of the concepts of Pineau, Passeggi, Nóvoa, Flick, Schultze, Larrosa, Souza, Hodges how the voice of this professor and his unique experience translate into universal characteristics so that other professors can identify with the presented narrative and resignify their practice.

Keywords: Narrative; Remote Teaching; Teaching Practices.

¹ Centro Paula Souza roram1000@hotmail.com

² Centro Paula Souza helen.martinez@cpspos.sp.gov.br

³ Centro Paula Souza thiago.vieira@cpspos.sp.gov.br

⁴ Centro Paula Souza luisfernandomuller@hotmail.com

1.Introdução

No final de 2019 fomos todos surpreendidos pelo surgimento de uma grave doença, a Covid 19, que rapidamente se enquadrou na classificação de uma pandemia mundial pela ONU⁵. A pandemia da COVID-19 fez com que instituições de ensino adotassem a modalidade de ensino remoto emergencial, para dar continuidade ao ano letivo. As medidas de isolamento decorrentes da pandemia da Covid-19 ocasionaram mudanças profundas nas práticas docentes.

A adoção do ensino remoto emergencial, desenvolvido prioritariamente via Internet, exigiu que professores tivessem que repensar suas estratégias didáticas para continuar a ensinar. A migração dos cursos para o oferecimento em ambientes virtuais distintos levou os docentes –mesmo os que já atuavam em cursos online – a rever suas aulas, interações e avaliações.

Após dois anos de Pandemia, o ensino voltou aos poucos ao seu modo presencial. No início pelas séries iniciais e por último o ensino superior. Definitivamente no ano de 2022 o ensino presencial passa a ser novamente majoritário no Brasil, sendo reinstaurado em todos os níveis da educação. Sem dúvida, a falta de convivência trouxe uma série de situações para o ensino presencial, que não são motivos deste estudo, mas que caracterizaram um novo cenário de sala de aula.

Os professores e os alunos adquiriram novas habilidades, aprenderam a transitar em um novo universo mediado por telas, desenvolveram uma enorme capacidade de utilizar recursos tecnológicos que até então eram meros exemplos de algum filme de ficção científica sobre a educação do futuro. Enfim, esse futuro chegou. O período atual, embora desafiador, pode ser visto como promissor, no contexto educacional, por ampliar o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, em todos os níveis de ensino.

Passados dois anos de Pandemia e ensino remoto, como será que este professor está conduzindo suas aulas totalmente presenciais? Ocorreram mudanças significativas em suas práticas pedagógicas? Qual foi a aprendizagem que esse docente teve durante o período de ensino remoto e quais delas foram incorporadas em sua prática atual?

Este artigo pretende entender como o professor de língua inglesa, do ensino profissional, caracteriza sua prática docente no período de retorno às aulas presenciais em 2022. Quais os aprendizados que traz em sua bagagem do período de ensino remoto? Quais desafios têm enfrentado em sua prática pós ensino remoto?

2.Referencial Teórico

Conforme afirma Ramirez (2014, p. 28), com relação à experiência, todo professor, ao iniciar sua atividade docente, traz consigo larga experiência acumulada sobre o ser professor, pelo simples fato de ter sido aluno, pois o processo de construção do conhecimento se inicia como aprendiz. Com o passar dos tempos o docente adquire experiências, amplia e constrói seus saberes. O

⁵ Tedros Adhanom, diretor geral da OMS (Organização Mundial da Saúde, elevou em 11/3/2020 o enquadramento de contaminação à doença causada pelo novo Coronavírus (Sars – Cov 2) à Pandemia.

contato com as disciplinas ministradas e as adversidades enfrentadas faz com que o docente potencialize conhecimentos a serem compartilhados. Um grande desafio foi em decorrência do contexto emergencial provocado pela pandemia do Coronavírus (Covid-19). Segundo Hodges (2020), Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma proposta de um “termo específico para o tipo de instrução sendo entregue nestas circunstâncias de urgência” (s. p.) portanto, não deve ser confundido com o Ensino a Distância (EaD). Patrícia Behar (2020) explica que o termo “remoto” engloba a distância no espaço geográfico devido à necessidade de distanciamento físico, e a estratégia é “emergencial”, pois, a fim de minimizar os impactos da suspensão das aulas, que passaram a ser mediadas pelo uso da internet.

O professor teve que começar a ensinar de outras formas, assumir o processo de planejamento, criação e adaptação dos planos de ensino, como profissional, viveu novas experiências, construiu novos saberes. Considerando que o saber do professor não se limita apenas a conteúdos que dependem de métodos e conhecimentos especializados, Tardif (2014) confirma, pois,

Eles abrangem uma grande diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão todos relacionados com seu trabalho. Além disso, não correspondem, ou pelo menos muito pouco, aos conhecimentos teóricos obtidos na universidade pela pesquisa na área da Educação: para os professores de profissão, a experiência de trabalho parece ser a fonte privilegiada de seu saber-ensinar (TARDIF. 2014, p.61).

A importância da experiência e dos conhecimentos sociais partilhados são significantes para a construção de saberes, recorre-se à pesquisa narrativa por meio da abordagem biográfica e entrevista semiestruturada com um professor de língua inglesa de ensino superior da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, delineando as experiências vivenciadas durante e após o ensino remoto, com o objetivo de compreender os sentidos e saberes construídos durante esse período.

Nóvoa (2014) enfatiza que:

A abordagem biográfica reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida: a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável. Desse modo, a abordagem biográfica deve ser entendida com uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito torna-se ator do seu processo de formação, por meio da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida (NOVOA. 2014, p.154).

Compreende-se que ao relatar seu percurso de vida no processo de formação e as experiências tornam-se significativas. O conhecimento procedente dessas experiências, poderá gerar novas ideias, saberes e interações, pois quando relatado os fatos vivenciados por uma pessoa, percebe-se que reconstrói um percurso percorrido dando-lhe novos caminhos e significados. Cunha (1998, p. 56) ressalta que a narrativa não é verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformada na própria realidade. Assim, conhecer como um

profissional de educação lidou com os obstáculos do ensino remoto e após a volta das aulas presenciais é de extrema importância, o cenário pandêmico influenciou novos saberes da prática docente.

3. Metodologia

A escolha do método deve estar vinculada ao processo de produção de conhecimento, ou seja, ao que o pesquisador quer saber. Entendemos aqui “metodologia como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. (Minayo, p. 16), as narrativas desbravam um território recém-descoberto na fala do narrador, mas amplamente vivido antes de tê-lo colocado em palavras. É a reflexão do seu fazer contada em histórias, que permite um novo olhar sobre sua prática.

Nóvoa (2014) logo na introdução de seu livro *O Método (auto) Biográfico e a Formação* nos diz: “De que modo os percursos de vida contemporâneos, caracterizados pela pluralidade de experiências educativas, sociais e profissionais singularizam-se nas histórias individuais”. Tomando a educação como uma prática social historicamente situada, podemos utilizar a narrativa do docente Charles como amplificadora de seu contexto.

Segundo Flick: “O objeto em estudo é fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário. Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos.” (Flick, p. 24) e “A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa” (FLICK, p. 25).

Nos anos 70 o sociólogo alemão Fritz Schutze desenvolveu um método chamado Entrevista Narrativa, onde são exploradas narrativas “improvisadas” gerando uma análise de dados. Uma variante do método, seria a Entrevista Narrativa Autobiográfica, com a diferença que neste modelo o entrevistador solicita que a pessoa conte sua história de vida a partir de uma questão ampla.

Segundo Cruz Neto (2001) a principal função das histórias de vida como forma de entendimento da realidade é retratar uma experiência.

Nesse procedimento metodológico, destacamos a noção de entrevista em profundidade que possibilita um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante. Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual” (CRUZ NETO. 2001, p.59).

Tomando o conceito de experiência de Larrosa, a experiência é tudo que passa por nós deixando alguma marca. Não basta simplesmente um acontecimento nos passar, é preciso que ele nos transforme de alguma forma.

É preciso que o sujeito se relacione com o que experimenta e que essa relação gere transformação.

É experiência aquilo que “nos passa”, ou o que nos toca, ou que acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA. 2002, p. 26).

O saber da experiência é o saber que gera conhecimento, que pode ser refletido e compartilhado no coletivo. É o saber das histórias de vida.

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude (LARROSSA. 2002, p.27).

Schutze relacionou os processos pessoais e sociais no método de pesquisa, observando que quando uma pessoa narra sua história também a constrói, e dá significado mediante reflexões que não seriam possíveis de outra forma.

Há narrativa autobiográfica, quando a pessoa que narra faz uma reflexão sobre sua própria vida e a experiência vivida, geralmente, escrita na primeira pessoa: eu (auto). A vantagem das noções de narrativa autobiográfica, narrativa da experiência, narrativa de vida é, por um lado, a sua abrangência. Elas incluem todas as modalidades de narrativas de si: autobiografias, histórias de vida, biografias educativas, diários, memoriais, depoimentos, relatos... Por outro lado, elas podem variar de extensão sem perder a sua essência.

Por fim, eles podem ainda remeter à transposição de narrativas autobiográficas para biográficas, isso acontece quando o pesquisador transforma uma narrativa autobiográfica (oral ou escrita), que lhe foi oferecida por um participante, que narra sua vida, numa narrativa biográfica, em que o pesquisador assume a autoria do texto.

Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado (SOUZA. 2007, p. 66).

Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras.

Nosso narrador aqui é o professor Charles, trinta e cinco anos de idade, é professor de língua inglesa desde 2010, formado pela Universidade Uniderp de Campo Grande/MS, lecionou em escolas de idiomas por doze anos, nas escolas Influx e People. Foi professor e auxiliar de coordenação do ensino bilíngue na escola Wizard by Pearson, trabalhou na instituição Senac e como professor substituto no Estado de São Paulo. Em 2019 atuou no Centro Paula Souza como professor de ensino médio e técnico, por contrato determinado, encerrando-o em 2021 e retornando em março de 2022. No ano de 2021 começou a atuar como professor de ensino superior na FATEC, tendo ministrado aulas no ensino remoto emergencial e, desde fevereiro de 2022, no ensino presencial.

A entrevista foi realizada no dia 29 do mês de julho do ano de 2022, utilizando a mediação tecnológica da plataforma Teams⁶ para realizar uma entrevista com roteiro semiestruturado. Narrador (Charles) e entrevistador (Helen) se encontraram virtualmente e enquanto conversavam, suas falas eram automaticamente transcritas pelo aplicativo.

4.Resultados e Discussão

Para contextualizar o tema diante da metodologia escolhida, realizamos uma entrevista com professor Charles com o objetivo de refletir sua experiência através da sua narrativa e transformá-la em conhecimento comum aos docentes que viveram também essa experiência de retorno ao presencial após o ensino emergencial remoto. Sua fala ganha empoderamento à medida que narrando sua experiência constrói um conhecimento que é da ordem do coletivo e que poderá ser referenciado por seus pares, que vivenciaram o mesmo período histórico.

O evento social representado pelo retorno às aulas presenciais após um período de dois anos no ensino emergencial remoto se conecta por meio da narrativa de um professor que vivenciou essa experiência, através de elementos comuns pertencentes a prática docente é construído um conhecimento que é gerado pela fala do professor e que advém da sua experiência compartilhada.

A entrevista foi pontuada por algumas questões importantes que se repetem na fala do narrador e que para fins de análise foram classificadas em dois eixos: Tecnologia e Relações entre os pares com a Instituição. Nos dois eixos podemos ler uma temática maior que permeia toda narrativa e que seria a reflexão sobre o retorno do professor ao ensino presencial pós ensino remoto emergencial, e sua (nova) prática docente no ensino de inglês.

Reflexões presentes na narrativa de Charles sobre o retorno ao presencial e que afetam diretamente sua prática docente:

5.1 Reflexões sobre a questão tecnológica

5.2 Reflexões sobre as trocas entre docentes e apoio da Instituição

5.3 Reflexões sobre a prática docente no ensino de inglês

⁶ Microsoft Teams é uma plataforma unificada de comunicação e colaboração que combina bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos e integração de aplicativos no local de trabalho. O aplicativo foi criado em 2016 pela Microsoft para facilitar a comunicação e promover a colaboração entre pessoas e/ou equipes de uma empresa, foi muito usado também para o ensino remoto emergencial, com adaptações.

Uma questão que vale ressaltar sobre essa divisão metodológica é que ela serve apenas para que esses eixos fiquem claros no discurso do professor, pois são temas muito importantes na discussão. Mas, observamos que que ao longo de toda a entrevista essas questões se perpassam, pois são vivas, acontecem na experiência.

4.1 Reflexões sobre a questão tecnológica

No discurso de Charles nota-se o impacto da tecnologia no retorno ao ensino Presencial. Quando do advento da Pandemia, os professores passaram a ministrar aulas de forma remota. A princípio de forma improvisada, contando com seu conhecimento pessoal das tecnologias e com o passar do tempo de forma mais estruturada. Charles conta um pouco de seu percurso com a tecnologia:

“Antes (da pandemia) usava o quadro e o livro, né? E não tinha tanto uso de tecnologia. Eu tinha que agendar as salas de vídeo, né? Para ter um pouco mais de interatividade com outros recursos, mas agora fica mais fácil, né? Até pelo domínio. Eu aprendi muita coisa, como utilizar muitas ferramentas. Até então eu nunca tinha ouvido falar do mentimeter⁷, do padlet⁸. Agora estou conseguindo usar para várias atividades.

Com o retorno das aulas presenciais, foram construídas novas práticas de ensino através do uso de tecnologias digitais. Bacich e Moran (2015), enfatizam:

Existem diferentes maneiras de aprender e ensinar. O trabalho colaborativo pode estar aliado ao uso das tecnologias digitais e propiciar momentos de aprendizagem e troca que ultrapassam as barreiras da sala de aula. Aprender com os pares torna-se ainda mais significativo quando há um objetivo comum a ser alcançado pelo grupo (BACICH e MORAN, 2015, p. 45).

Nota-se na fala de Charles o quanto as ferramentas facilitaram o seu fazer e enfatiza a amplitude do fazer docente para além dos muros da sala de aula. Torna-se universal, o que nos parece muito interessante para o ensino de línguas:

“Os alunos elaboraram as perguntas e a respostas em inglês. Depois, eles apresentaram esse mural virtual, então foi uma ideia muito boa é..., eu achei muito criativo também e aí é um

⁷ Mentimeter é uma plataforma online para criação e compartilhamento de apresentações de slides com interatividade segundo a <https://www.techtudo.com.br/>

⁸ Padlet é uma ferramenta que permite criar quadros virtuais para organizar a rotina de trabalho, estudos ou de projetos pessoais segundo a <https://www.techtudo.com.br/>

material que eles podem também guardar, atualizar. Acontece muito, né? Ir para uma entrevista de emprego e ter a questão do inglês, muitas empresas exigem, né, um pouquinho inglês e daí eles vinham, né? Professor help, me ajuda agora com? Eu vou fazer uma entrevista, então foi interessante essa atividade, porque eles já a têm pronta. Eles podem ali atualizar, modificar, né? Eles já têm um guia para ajudá-los, né?

A experiência da narrativa mostra através do estudo da experiência de Charles o impacto da tecnologia em suas práticas. A tecnologia facilita e cria uma tensão sobre seu aprendizado e atualizações constantes, preocupação clara na fala de Charles. Mas também, é vista como algo que veio para ficar:

“Creio que sim Helen, a tecnologia veio para ficar. Eu acho que a tecnologia na educação é muito importante, é importante que a educação seja flexível para permitir esses novos encontros, como o encontro com a tecnologia. E como vai mudando, né? Como nós passamos por muitas transformações, eu creio também que a educação já está se transformando e aí a tecnologia veio para ficar, para nos ajudar. Foram colocadas TVs, uma por sala, então fica mais dinâmico do que antes é, é claro. Antes, não tinha esses recursos, agora temos que integrá-los no planejamento de aula.

Como escreve Passegui, Souza e Vicentini em seu artigo intitulado Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (Auto) Biográfica, Docência e Profissionalização, “a verdade do narrador preexiste ao ato de biografar” (p.371), o processo de “biografização” dá forma a experiência e sentido onde antes não havia permeado da consciência histórica e de si.

Charles em sua narrativa mostra como lidou com a transformação da prática pedagógica da experiência tecnológica que antes se resumia a um livro e uma lousa, e se desdobrou a aplicativos que conversam diretamente com os pilares de ensino da língua inglesa. Sua interação com essas novas práticas inaugura, com toda tensão envolvida, uma nova prática pedagógica pós ensino remoto emergencial, aqui narrada por ele, e a inserção dessas práticas em sua visão de futuro para a educação.

4.2 Reflexões sobre as trocas entre docentes e o apoio da Instituição

Um outro aspecto que nos parece muito importante é a presença da Instituição como apoio a “nova” prática docente, no sentido da formação e utilização das novas tecnologias.

Segundo Kenski (2012) se a rotina dos professores se modifica é necessária uma reorientação de todo seu planejamento de trabalho. É preciso incluir tempo

para pesquisa e aprendizado do uso de recursos midiáticos, e outro tempo para discutir as ações e possibilidades da utilização desse recurso. É preciso “partilhar experiências e assumir fragmentação das informações, como um momento didático significativo para recriação e emancipação dos saberes (KENSKI, 2012, p.50).

Nesse sentido o retorno ao presencial pode apresentar aos docentes dificuldades e desafios que são também compartilhados entre os pares e suas experiências.

“Nós professores conversamos bastante. Às vezes é difícil conversar com todos devido ao horário, mas principalmente com os professores ali da área acabamos trocando ideias, principalmente os da minha área, de linguagens. Eu procuro conversar, dialogar. E de repente falar sobre alguma atividade, o que deu certo, o que não deu certo e como que foi, né? Vai um ajudando um ao outro. Eu acho que isso é muito importante também, porque você aprende. Eu aprendi muito com os outros professores também tive muito apoio. Tem um grupo do WhatsApp, então dá para interagir.”

A interação como alicerce da formação do novo professor permanece aqui como fator importante da troca e formação dos colegas docentes. E a necessidade de apoio e formação adequados a nova configuração da prática docente, surge na fala de Charles.

“A instituição em si, ela apoia os professores nesse sentido oferecendo alguns cursos, tanto que eu estou fazendo um que é sobre ensino híbrido. É um curso online. Alguns cursos têm me ajudado muito. Esse sobre ensino híbrido, principalmente para minha pesquisa, né? E já tem alguns materiais que eu selecionei para usar. Eu fico sabendo (dos cursos) pela instituição, né? Os diretores, eles avisam: olha, está aberto, inscrição! Mandam um e-mail, está aberto a inscrição para o curso tal e, geralmente tem vagas limitadas, esse que estou fazendo são 40 vagas.

Charles menciona a divulgação dos cursos online oferecidos pela instituição Centro Paula Souza para a construção e reflexão de práticas docentes.

4.3 Reflexões sobre a prática docente no ensino de inglês

O professor ao refletir sobre seu trabalho, tende a ressignificar suas experiências e práticas pedagógicas. Ao conversarmos com Charles, as questões das tecnologias, do relacionamento com pares e instituição parecem

surgir com grande força quando ele relata seu trabalho pedagógico em sala de aula no que chamamos novo presencial.

A tecnologia, o relacionamento entre pares e instituição são questões importantes para o fazer do professor neste novo presencial, impactando diretamente em sua formação. A voz de Charles reflete socialmente um olhar para o futuro da docência, com suas inquietações atuais.

“Helen, olha, eu trouxe muitas coisas, é muita interatividade. E foi um desafio a aula remota, mas por um lado eu fico né refletindo, eu fico pensando quantas coisas eu aprendi, quantas ferramentas né? Aí quanto ao uso de metodologias ativas e para o presencial, agora eu pude trazer essas ferramentas para dentro da sala, né, para implementar, pra ficar um pouco né, pra ficar ainda mais dinâmico as aulas, então...”

Ai com a volta das aulas presenciais, foi um outro desafio, porque a escola também não estava preparada. Ela estava fechada, né? Então não tinha tantos recursos tecnológicos, então no começo foi um desafio, porque eu pensava, nossa, eu preciso de um de uma ferramenta de um padlet de fazer um mural virtual aqui com a participação dos alunos. E no começo eu senti um pouquinho essa falta, mas claro que a gente foi se adaptando, né? E a escola também. E hoje já tem as TVs na sala, então é, eu mesmo uso muito os slides, algo que eu não usava. Antes era uma lousa e um livro e agora abriu um leque de ferramentas e recursos pedagógicos.

O uso de tecnologias em sala de aula, para Charles, faz com que as aulas se tornem mais contextualizadas sob diferentes aspectos. Por exemplo, o uso da TV para visualização de um vídeo aumenta a interatividade da aula. Kenski (2007) ressalta:

A presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino. Um pequeno exemplo disso é o ensino de um idioma baseado exclusivamente nos livros didáticos e na pronúncia da professora, em aulas expositivas. Ele será bem diferente do mesmo ensino realizado com apoio docente, mas com a possibilidade de diálogos, conversas e trocas comunicativas entre os alunos, o uso de vídeos, fita cassete e laboratórios interativos, por exemplo (KENSKI. 2009, p.44).

Com o retorno das aulas presenciais houve uma aproximação do educador para com o educando, foi um momento de inúmeras reflexões para os professores sobre as práticas docentes adquiridas e experiências vivenciadas pelos alunos durante as aulas do ensino remoto.

E nesse contexto o que nos diz Charles sobre os desafios do novo professor? Como as dimensões pessoais e coletivas se relacionam neste contexto? Segundo Nóvoa:

[...] que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional de professores na dupla perspectiva do professor individual e do coletivo docente.” (NÓVOA, 1995, p. 24, grifo do autor).

Vemos agora na fala de Charles, que questionado sobre o futuro de suas práticas, insere questões que denomina desafios, e que envolvem apoio social para acontecerem. O professor não está sozinho neste contexto, ele depende de outros atores sociais, como a escola, os pares e até mesmo contextos político e socioeconômicos.

“Olha pro futuro, Helen, há... ainda alguns desafios, não é? eu espero que esses recursos ainda façam parte das nossas aulas e que tenha assim, uma unificação em que todas as escolas possam fazer uso, né, dessas ferramentas com os alunos. Mas que a educação também se aproprie né? E de enriquecer também, de transferir, de fazer com que o conhecimento chegue mais rápido para os nossos alunos, né? A interatividade é, eu acho, muito importante. O diálogo entre professor e aluno, nós professores, estamos em constante aprendizado e temos mais ferramentas.

Com a fala de Charles, sobre a mescla de ferramentas Kenski menciona:

Exige também a apropriação e o uso dos conhecimentos e saberes disponíveis não como uma forma artificial, específica e distante de comportamento intelectual e social, mas integrada e permanente, inerente à própria maneira de ser o sujeito, com recuperações em que se mesclam erudição e intuição, espontaneidade e precisão, o lúdico e o lógico, o racional e o imaginário, o presente, o passado e o futuro, e as diversas memórias: humanas e cibernéticas (KENSKI, 2012, p.45).

O entrevistado Charles enfatiza a importância da interatividade e do diálogo com a troca de experiências comparando as aulas durante o ensino remoto e agora com as aulas presenciais.

É para gerar mais conhecimento, mais ideias. Helen, é, eu acho que é muito importante ter essa interatividade também e diálogo com os professores é e assim, o trabalho em equipe ele ajuda muito e foi uma das coisas que eu percebi da pandemia. Era muito difícil, né? Agora também não só no ensino remoto, como agora no presencial, de discutir, dialogar com os professores, o que que você acha que funciona?

Em relação a pergunta sobre ensino híbrido, Charles menciona o preparo de todos os envolvidos no processo: a cultura escolar, o papel do professor, o espaço, a gestão, o uso da tecnologia, o foco no aluno, a avaliação e a autonomia do aluno.

Em relação ao ensino híbrido, é importante também ter um preparo. Não é de toda a equipe, de todos os docentes. E

falando ainda um pouco dessa interatividade de dessa discussão entre os professores. É, eu acho que isso é muito válido também dessa questão do ensino híbrido. Eu acho que não pode partir só da instituição ou só dos professores ou só de um professor. É, eu acho que tem que ser algo unificado.

Surge um novo professor, advindo não somente de uma experiência ocorrida com o advento da Pandemia e seus desdobramentos, mas principalmente surgido das reflexões (aqui narrativa autobiográfica) sobre o seu fazer, que se transforma em questões sobre a prática pedagógica inseridas historicamente.

“Sim. Eu me sinto mais capacitado. Eu aprendi muito no início, né? Eu tive que também procurar, né? Fazer alguns cursos, pesquisar porque quando eu entrei também eu não tinha tantos. Eu não tinha tantos materiais, né? Não tinha muitos materiais e então eu fui construindo também as minhas aulas. É uma construção, né? Foi um, fui aprendendo também, então aprendi muito e hoje eu, né, com certeza eu me considero assim, um profissional mais capacitado.

Charles enfatiza a importância da pesquisa, dos cursos de capacitação para a construção do conhecimento, elaboração das aulas e como os cursos podem gerar ideias e melhor preparação profissional.

5.Considerações Finais

Neste artigo recorreu-se à metodologia das narrativas autobiográficas por considerar o professor um sujeito produtor de conhecimento sobre sua prática e acreditar que ao narrar, reflete e ressignifica sua trajetória pessoal e profissional. Por meio da narrativa, quisermos dar voz àquele que está construindo seus saberes profissionais nesta nova etapa histórica de retorno presencial pós ensino remoto emergencial. O contexto, as experiências, as reflexões e os desafios verbalizados por uma única voz contêm em si o potencial discursivo de serem significativas para toda uma classe profissional que compartilha de uma similar prática social historicamente situada. A narrativa autobiográfica permite que a voz de um singular ecoe para o coletivo.

Gostaríamos de dar voz a narrativa do sujeito que está construindo seus saberes profissionais neste novo modelo de docência presencial. Seu contexto, suas experiências de vida, o que ele denomina de desafios no novo presencial e suas reflexões que ressignificam toda sua formação como professor, possibilitando também, que outros professores reflitam sobre as novas representações sociais da figura do docente e seus desdobramentos em seu fazer pedagógico. As questões de Charles não são dele, mas sua voz e reflexão

permitem que elas ecoem e façam laços com seus pares, que vivem a mesma circunstância.

Amparada por um arcabouço de autores, a voz de Charles contextualiza a experiência docente no novo ensino presencial. A força da história oral, aqui representada pela narrativa de Charles, tem a intenção de dar voz àqueles que passaram pela experiência real no caso do ensino remoto na Pandemia de Covid 19, questionando as narrativas dominantes do que foi dito sobre o assunto, mas não foi dito pelo professor. Neste sentido dar a oportunidade de o professor narrar, refletir e transformar seu próprio fazer. Charles nomeia questões como o uso da tecnologia na educação e relacionamento entre professores e com a Instituição como pilares da construção de um novo fazer pedagógico, no novo ensino presencial. Ele tece suas reflexões a partir de sua experiência neste retorno ao ensino presencial, após ter passado dois anos dando aulas de forma remota. Rememorando sua experiência Charles passa a ser agente transformador de sua prática e sujeito responsável e autorizado a refletir sobre ela em seu momento histórico. Isso a metodologia narrativa (auto) biográfica nos possibilita a medida em que a subjetividade de Charles constrói sentido para a intersubjetividade de seus pares, legitimando suas falas.

Neste sentido através da experiência particular de Charles ou um fragmento de sua história de vida, se constrói um novo conhecimento sobre as questões da atuação do professor no novo presencial que pode ser compartilhada e recriada.

O indivíduo Charles se multiplica em mil vozes, sobre a profissão de docente e sua formação, possibilitando que outros professores percorram suas falas e experiências narradas para também construir seu conhecimento a respeito.

Referências

BEHAR, Patrícia A. *O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância*. UFRGS — Jornal da Universidade, Porto Alegre, 6 jul. 2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 15 de julho de 2022.

CUNHA, M.I. da, *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editora, 1998.

GERMANO, Idilva Maria Pires. *Aplicações do método biográfico de Fritz Schutze em Psicologia Social*. Universidade Federal do Ceará, 2009
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28099>. Acesso em 14 de julho de 2022.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron. *The difference between emergency remote teaching and online learning*. In: EDUCAUSE Review, 27 mar. 2020. Disponível em <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em 15 de julho de 2022.

KENSKI, Vani Moreira; KENSKI, Julia Moreira. Planejamento Didático no Ensino Superior em tempos de Pandemia. Roteiro, v. 47, p. e30226-e30226, 2022.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Papirus editora, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Papirus Editora, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. *Memória e formação de professores [online]*. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books .

NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Trad. Maria Nóvoa. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN Universidade Cidade de São Paulo- UNICID São Paulo, Brasil, 2020

PASSEGGI, NASCIMENTO e OLIVEIRA. *As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação*. Revista Lusófona de Educação, 33, 111-125, v.33 n.33, 2016.

PASSEGGI, SOUZA e VICENTINI. *Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (Auto) Biográfica, Docência e Profissionalização*. Educação em Revista, v.27, n.1, p 369-386, abril. 2011

PINEAU, G. *As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação formação existencial*. Educ. Pesqui, São Paulo, v.32, n.2, p.329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2>.

RAMIREZ, R. A. *Histórias de vida na formação do professor*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

SCHULTZE, F. *Biografy analysis on the empirical base os autobiographical narratives: How to Analyse autobiographical narrative interviews – Part 1. Module B.2.1. INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational training-further education curriculum*, 2007. Disponível em: <http://www.biographicalcounselling.com/download/B2.1.pdf>; acesso em 04/07/2022.

SCHULTZE, F. *Pesquisa biográfica e entrevista narrativa*. In: Weller, W.; Pfaff, N. (Orgs.). Metodologia da pesquisa qualitativa em educação. (pp. 210-238). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, 372 p

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 16. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

UWE, Flick. *Introdução à pesquisa qualitativa*; tradução Joice Elias Costa, 3ed., Porto Alegre: Artmed, 2009. (405 p.)